

Deterioração do mercado de trabalho brasileiro após 2015

Otavio Luis Barbosa¹

INTRODUÇÃO: Este trabalho apresenta alguns dos resultados obtidos na pesquisa de Iniciação Científica (PiiC/UFES/2020-2021)² intitulada “Precariedades e Informalidade no mercado de trabalho brasileiro de 2015 a 2020” cujo aporte teórico é a Teoria Marxista da Dependência (TMD). A pesquisa teve como objetivo analisar dados do mercado de trabalho entre 2015 e 2020, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o intuito de compreender as transformações na dinâmica do trabalho e se houve o aprofundamento das mazelas históricas durante esse período.

DESENVOLVIMENTO: A pesquisa buscou investigar as transformações e a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro com o intuito de averiguar movimentos de intensificação da precarização e aprofundamento de seus problemas estruturais. O recorte temporal se justifica pelo fato de que é a partir de 2015 que a economia brasileira passa a conviver com uma intensa recessão econômica cujas consequências são sentidas até hoje pela sociedade. Nesse sentido, buscou-se conexões em um possível cenário de ocorrência da elevação da informalidade, desemprego, baixo rendimento e elevada desigualdade, que são elementos característicos de uma economia periférica e dependente. Ainda, considerou-se os condicionantes históricos da formação social e econômica brasileira, sobretudo o avanço do neoliberalismo, como elementos para a compreensão da manifestação do capitalismo contemporâneo no país.

Com isso, a partir dos dados trimestrais divulgados pelo IBGE, foi possível elencar elementos que indicam uma deterioração das ocupações no mercado de trabalho brasileiro. Como reflexo da crise econômica, a taxa de desocupação apresentou um crescimento considerável dentro do período de análise, saindo de 7,9% no primeiro trimestre de 2015 para 12,2% no mesmo trimestre em 2020 - um ganho de 4,3 p.p. A partir de 2017, quando atinge o seu pico de 13,7% no período analisado, a desocupação passa a reduzir em razão da elevação do número de ocupações informais. Esse crescimento foi de 8,1% entre 2015 e 2020, chegando a totalizar 43,7 milhões de trabalhadores expostos a vulnerabilidades — sendo os trabalhadores por conta própria o maior contingente. Além disso, a subutilização da força de trabalho³, um importante indicador de precariedade, cresceu 61,2% totalizando 27,6 milhões.

CONCLUSÃO: O comportamento desses dados ajudam a evidenciar que o mercado de trabalho brasileiro passa por um momento de deterioração das ocupações, o que torna esse mercado mais precário. Esse movimento resulta da dinâmica da acumulação de capital no capitalismo contemporâneo

REFERÊNCIAS:

- AMARAL, M. S.; CARCANHOLO, M. D. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 216-225, nov. 2009.
- MARINI, R. M. Dialética da dependência. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017.
- MELLO, G.; SABADINI, M. de S.; BRAGA, H. Acumulação de capital, crise e mercado de trabalho no Brasil contemporâneo. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 15-35, abr. 2019.

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela UFES. Email: otaviolu59@gmail.com

² A pesquisa integrou o projeto “Análise da economia brasileira contemporânea sob o enfoque da periferia dependente” sob coordenação do Prof. Doutor Vinícius Vieira Pereira (CCJE/UFES) - coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Conjuntura Econômica e tutor do Pet Economia Ufes.

³ Número de desocupados, subocupados e força de trabalho potencial. Um contingente da força de trabalho que não é plenamente usado.